

A CIDADE LIBERTINA: IMAGENS DA CIDADE NA LITERATURA DA VIRADA DO SÉCULO

Maurício Silva
Centro Universitário FMU/
Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo - SP

Resumo: O presente artigo procura analisar a criação de uma imagem literária da cidade urbana, na passagem do século XIX para o XX, destacando a tendência à representação negativa do fenômeno urbano e à consolidação de uma expressão pejorativa ligada à realidade citadina.

Palavras-chave: literatura, urbanismo, pré-modernismo, sociabilidade.

Abstract: The present article searches for an analysis of the creation of a literary image. It is related to the urban literature, in the turn of the XIX to the XX century, pointing out at the trend to the negative representation of the urban phenomenon and to the consolidation of a pejorative expression linked to the urban reality.

Key-words: literature, urbanism, pre-modernist, sociability.

Introdução

Resultado direto e indireto de uma série de renovações ocorridas sobretudo com o advento da chamada Revolução Industrial, as transformações sofridas pelo mundo ocidental durante a passagem do século XIX para o XX acabaram condicionando uma vasta gama de inevitáveis conseqüências, que incidiram inexoravelmente na vida dos indivíduos. Nesse sentido, a passagem do século passado para o presente tem como marca distintiva exatamente o afã por uma espécie de volubilidade essencial, que acaba - simbolicamente - se traduzindo numa nova e inesperada sociabilidade.

No âmbito da renovação dos padrões sociais que o mundo ocidental conheceu, a imagem da cidade desempenha um papel fundamental: é ela quem vai determinar a sedimentação de uma concepção diferente da realidade, sobretudo da realidade urbana. Assim, na passagem do século, ser moderno - isto é, estar em consonância com o tempo presente - pressupõe necessariamente estar situado num contexto citadino, fazer parte de um universo urbano ou, na pior das hipóteses, em vias de urbanização. Por isso, parece-

nos sumamente importante tentar compreender qual a visão que, afinal de contas, se podia ter da cidade numa época particularmente caracterizada pela instabilidade ecológica e social.

Com efeito, em meio às mais variadas transformações - que vão do âmbito econômico e político ao cultural, destacam-se as de natureza especificamente urbana, responsáveis não apenas pela reorganização das nações, mas também pelo estabelecimento de um novo *modus vivendi*, compulsoriamente adaptado às metrópoles emergentes. Este fato foi particularmente verificado em algumas cidades européias, as quais - com a expansão de seu tecido urbano - passaram a viver, mais do que quaisquer outras, um autêntico processo de *revolução urbana*.¹

No Brasil, verificou-se um processo análogo, embora com os atrasos comuns aos países subdesenvolvidos e/ou periféricos. Como conseqüência inevitável de um processo de industrialização tardio, conhecemos na virada do século uma ampla escalada de transformações urbanas, resultando na formação de metrópoles incipientes (São Paulo e Rio de Janeiro) e na consolidação de novos padrões de sociabilidade.² As grandes cidades - com destaque para o Rio de Janeiro, capital da República recém-proclamada - tornam-se o centro político e administrativo do país: impõem-se economicamente, já que concentram a maior parte dos meios de produção e dos bens de consumo; afirmam-se politicamente, criando a necessidade de concentração do poder público; estabelecem-se culturalmente, fazendo com que convirjam para si toda sorte de manifestação artístico-cultural. Isto tudo se deve, em grande parte, ao deslocamento populacional que se pôde verificar a partir das últimas décadas do século XIX: com o declínio do patriarcado rural e a afirmação da burocracia estatal urbana, assistimos a uma verdadeira explosão demográfica, que teria conseqüência direta na imagem da cidade formulada por nossos intelectuais e artistas.³

Surgem, nesse sentido, duas perspectivas sob as quais a cidade é contemplada: uma positiva, que procura ressaltar as vantagens das novas formas de sociabilidade urbana, com seus modismo mundanos, seu cosmopolitismo e liberalidades sociais; outra negativa, que busca destacar os malefícios reais e morais próprios de uma cidade que progride compulsória e desordenadamente. Há, assim, toda uma vertente de nossas manifestações culturais voltada para um discurso encomiástico em relação ao desenvolvimento urbano, em que se enfatiza principalmente aspectos de nosso progresso material e de uma pretensa evolução social, ambos apresentados sob a roupagem de uma difusa apologia da civilização. Por outro lado, verifica-se uma igual preocupação em fazer emergir uma crítica acirrada dos efeitos desse desenvolvimento, crítica que se atém ora a seus aspectos materiais (trânsito, barulho, densidade demográfica), ora a seus aspectos morais (prostituição, criminalidade, vícios).

Para efeito de uma caracterização simbólica da cidade, importam mais as críticas de fundo moral, muito mais eficazes na formação de uma determinada simbologia urbana.

A Cidade Libertina

A literatura sempre atuou *pari passu* com a história, no sentido de servir como registro de fatos relevantes e complemento de documentos historiográficos propriamente ditos. Não causa espécie, portanto, sua utilização no registro de outros eventos do cotidiano, como as transformações urbanas por que passou o Rio de Janeiro da virada do século.⁴ Com efeito, poucos autores da época permaneceram completamente indiferentes às reformas urbanas levadas a cabo pela sanha empreendedora de Pereira Passos, figura fundamental desse processo,⁵ procurando - de uma forma ou de outra - registrar as ocorrências mais significativas sobre a questão.

Isto acabou ocasionando, como já salientamos anteriormente, a construção de uma imagem singular da cidade, numa perfeita analogia com o processo de reforma urbana iniciado já nas últimas décadas do século XIX e efetivamente instaurado a partir do governo de Rodrigues Alves. Uma imagem, aliás, que emergia - ao mesmo tempo - como reflexo e como principal elemento motivador desse processo: assim, se a concepção que se tinha da cidade do Rio de Janeiro ia-se alterando de acordo com suas reformas urbanas, estas poderiam ser direcionadas também a partir das críticas ou da anuência de intelectuais tidos como formadores de opinião. Não sem razão, o governo procurou cooptar uma série de intelectuais e artistas que - subrepticamente - acabavam dando sustentação ideológica a seus empreendimentos político-administrativos.⁶

De qualquer maneira, tudo isso contribuiu para que se formasse uma nova concepção da realidade urbana, e a cidade passava a ser vista como emblema máximo de uma moralidade degenerada, simbolizando toda sorte de vícios morais de que o cidadão acabava sendo vítima indefesa: a *cidade libertina* passa, assim, a povoar o imaginário de todos aqueles que, direta ou indiretamente, estabelecem alguma relação com o universo urbano.

Um dos últimos e mais interessantes romances de Coelho Neto serve como ponto de partida de nossa reflexão sobre a imagem que, durante a passagem do século, se forjou da cidade urbana: Evaristo, funcionário modesto, é casado com Lucília, que passa subitamente da condição de uma mulher recatada e doméstica a uma dama da sociedade; fôra, com efeito, apanhada pelos tentáculos da cidade (simbolizada pelo polvo) e levada à vida mundana, abandonando o lar sagrado; torna-se uma prostituta burguesa, viciada em drogas e freqüentando rodas de jogo, o que acaba por levar toda a família à degradação moral.⁷ A cidade, portanto, assume o papel de co-protagonista do romance, já que emerge como principal responsável pelo desenrolar da trama e motivação de todo o enredo. Aqui, ela adquire todas as características de um local particularmente propício aos vícios e à libertinagem: a prostituição, o desregramento familiar, o consumo de drogas, o jogo, enfim, a perdição moral.

Semelhante imagem vai-se reproduzir em mais de um texto literário, dos romances à poesia, passando por novelas ou simples crônicas jornalísticas. Os temas são igualmente variados, abordando toda sorte de vícios morais. É curioso, por exemplo,

perceber como - no rastro do romance citado - a cidade aparece, na literatura da época, como uma entidade personificada, sugestivamente apta à sedução: os próprios romances de Coelho Neto revelam-se particularmente preocupados com esta peculiaridade do universo urbano: em *Rei Negro*, uma das personagens (Manuel Gandra) revela desde o princípio sua opção pelo sertão, em vez de “deixar-se enredar nas seduções da cidade”; em *Tormenta*, Julião revela preocupação semelhante, temendo que Isaura se entusiasme pelas “pomposas e seducções” da vida urbana; em *Inverno em Flor*, é Jorge quem - depois de abandonar a vida campestre e antes de a ela retornar definitivamente - sente-se particularmente atraído pela vida citadina:

...a cidade refê-lo, reviu-o com o sangue com os seus philtros varios attrahindo-o seductoramente a todos os vicios. E elle entregou-se passivo, dissipando-se em prazeres vulgivos, sem medir gastos nem cuidar nas consequencias, restaurando-se em somnos languidos, pelos dias dentro, das vigalias orgiasticas em que atravessava as noites.⁸

A sedução irresistível da cidade, levando suas vítimas à mais completa perdição, surge ainda envolta numa simbologia bastante significativa, o que pode ser entrevisto na forma pela qual a cidade é percebida por algumas personagens literárias da época. Nesse sentido, ela pode ser vista tanto como uma entidade enfeitiçadora e demoníaca quanto como um local propício ao envenenamento espiritual dos indivíduos.⁹ Ainda nesse contexto, uma das mais curiosas visões que se tinha da cidade era aquela que a aproximava da figura feminina, fazendo com que o mundo urbano adquirisse uma aura sensual inigualável. É o que se percebe nalgumas passagens do romance *Cruel Amor*, de Júlia Lopes de Almeida, ou - com mais ênfase e constância - numa obra singularmente laudatória de Martins Fontes, como comprovam estas suas sintomáticas palavras: “esta cidade (Rio de Janeiro) teve sempre para mim todos os filtros da sedução, a ponto de sentir que sempre a amei, mas physicamente, humanissimamente, como um selvagem possesso (...) Adoramos o Rio de Janeiro, com fervor carnal, com a volupia de um barbaro deante de uma jovem princesa desnuda.”¹⁰

Embora estes exemplos de percepção da cidade possam revelar-se ambíguos, na medida em que sugerem uma visão negativa - de natureza moral - mas também positiva - de natureza encomiástica - do Rio de Janeiro, prevalece o sentido libertino das exposições, uma vez que os ícones ligados a uma liberalidade devassa estão sempre presentes, seja nas *vigalias orgiasticas* de um Coelho Neto, seja no *fervor carnal* de um Martins Fontes.

Mas se essa perspectiva mostra-se, como sugerimos, ambígua, o mesmo não se pode dizer da concepção que se criou da cidade como um *locus* propício a toda sorte de vícios, que vai do jogo ao consumo de drogas. Nesta nova ótica do problema, a cidade emerge, indubitavelmente, como fulcro de uma percepção negativa, em que a vítima maior continua sendo o cidadão desprotegido diante dos apelos ostensivamente mundanos da cidade.

Com efeito, não são poucos os livros da época dedicados a descrever o *bas-fond* carioca com uma diligência jornalística infatigável, como comprovam João do Rio (*A Alma Encantadora das Ruas*), Orestes Barbosa (*Bambambã!*) ou Benjamim Costallat (*Mistérios do Rio*). Porém, ainda que nos limitemos a passagens circunstanciais de alguns romances ou crônicas, o problema do vício - indelevelmente ligado à imagem da cidade – surge com força notável. É o que se pode entrever, em relação ao hábito do jogo, num dos romances de João do Rio, em que se transportam para uma Estação de Águas os vícios da cidade grande: nas palavras do próprio autor, tratava-se do “caos de uma grande cidade abrindo em vício num local ingênuo”.¹¹ A mesma temática é abordada por um romance de Afrânio Peixoto, em que a cidade é descrita como um antro onde se reúnem viciados de toda estirpe: “todo o ano é o jogo, e comparsas, alcool e mulheres (...) o dinheiro fácil dos negocios diurnos exhibe-se ainda em outros negocios, aí mesmo, entre duas cartadas de bacará, dois rodopios de roleta, apertos de mão aos camaradas, sorrisos ou provocações às mulheres, taças de champanhe que se brindam”.¹²

O uso indiscriminado de drogas é outro assunto tratado por artistas e intelectuais da época como marca distinta do ritmo vertiginoso da cidade. Aparece em diversos romances e é tema de crônicas jornalísticas variadas. É mais uma vez Martins Fontes quem nos brinda com uma declaração bastante contundente e sintomática de uma percepção do estilo de vida urbano que traz como marca distintiva o desregramento licencioso e descomedido, tudo criteriosamente associado à imagem da cidade que se civilizava a passos largos na virada do século:

...oh! o paroxysmo, oh! o sysyphismo da vida moderna! Suicidios diarios! Desesperação continua! Asphyxia moral! (...) O jogo, o alcool, a cocaina, a morphina completam a intoxicação dos grandes meios, das cidades tentaculares. Os suicidas, em verdade, são assassinados. A vertigem da vida moderna, o luxo, a desagregação putrida, o dinheiro, a instabilidade, a desharmonia cada vez mais intensa entre a sociedade e as leis naturaes, levam o homem ao suicidio aos vinte annos! Loucura! Loucura! O mundo endoideceu, ensandeceu!¹³

Trata-se, na verdade, de um autêntico desabafo diante da degenerescência da vida moderna, numa associação clara entre o vício, a cidade e a sociedade.

Semelhante degenerescência, aliás, ultrapassa os limites públicos da vida cidadina para adentrar-se nos contornos privados do ambiente familiar e doméstico. Com efeito, não representa nenhuma novidade o fato de, na época em questão, processar-se uma espécie de passagem do âmbito familiar e privado para o social e público, na medida em que as cidades grandes iam-se modernizando e o apelo à sociabilidade fazia-se mais intenso.¹⁴ No Rio de Janeiro, em particular, este foi um processo muito bem articulado, já que a família carioca adquiria novos padrões de sociabilidade na medida em que a Capital Federal conquistava uma aura de civilização e modernidade. Em outras palavras, a família

substituía o âmbito privado e doméstico pelo público e cosmopolita, embora essa sociabilização pressupusesse rígidas regras de controle.¹⁵

Como aludimos anteriormente, o universo familiar estava particularmente sujeito às liberalidades próprias da cidade grande, já que cada vez mais se verificava uma interação entre os âmbitos doméstico e urbano. Como ocorria em muitos romances da época, conforme ia-se abrindo para o mundo exterior, o ambiente outrora destinado ao resguardo familiar sofria imponderável abalo, sendo atingido por toda espécie de vícios e desregramentos. É o que revelam alguns dos já citados romances de Coelho Neto (*O Polvo e Tormenta*), em que a família bem-organizada passa a sofrer - em consonância com um processo de mundanização contínuo - as conseqüências malélicas da sociedade libertina; ou na célebre revista de Arthur Azevedo, em que uma das figurantes lamenta, de modo tristemente resignado: “a vida fluminense é cheia de sobressaltos para as verdadeiras mães de família. Olhe papai, um homem de quarenta e tantos anos, e que teve até agora tanto juízo... Respirou o ar desta terra e perdeu a cabeça (...) aqui há muita liberdade e pouco escrúpulo... Faz-se a ostentação do vício.”¹⁶

Sem dúvida, uma maneira nada sutil de revelar alguns dos malefícios que o *ar da cidade* pode causar às famílias indefesas e pouco imunes à libertinagem mundana.

Conclusão

Os males causados pela cidade, sobretudo após o desenvolvimento infrene que esta conheceu a partir do governo de Rodrigues Alves, eram - em certa medida - reais e concretos, mas também revelam a formação de todo um processo de criação de uma *imagem da cidade*. Muito do que nos é descrito e narrado pelas testemunhas oculares da época tinha como origem não exatamente uma vivência concreta do problema, mas antes fazia parte de um sistema simbólico que acabava se tornando uma espécie de senso-comum em relação à realidade urbana, quase sempre vista pelas pessoas sob uma ótica pejorativa. Daí o fato de, mais do que a condenação do estilo de vida citadino, assistirmos - nas páginas dos nossos livros e jornais - à apologia do campo e da vida campestre. Trava-se, durante a passagem do século XIX para o XX, um sintomático embate entre um pretense *locus amoenus* e um *locus adversus* concreto, entre o campo e a cidade.¹⁷

Dessa forma, o que prevalecia mesmo era a imagem da cidade como espaço indissolúvelmente relacionado à idéia de libertinagem, numa perspectiva que depende muito mais de uma questão semiótica - já que pressupõe a consideração da realidade urbana a partir de uma *percepção* da cidade - do que de uma problemática social, embora esta não estivesse totalmente ausente.¹⁸ De qualquer maneira, o Rio de Janeiro da virada do século era, antes, percebido como uma metrópole singularmente devassa e particularmente propícia a vícios morais dos mais variados gêneros, criando-se assim - ao lado de uma cidade real, que podia ou não ser viciosa - uma cidade imaginária: a *cidade libertina*.

Esta cidade imaginária é também “literária”: está presente em grande parte da produção ficcional da época, como tentamos mostrar ao longo desse ensaio. Começamos

com uma obra modelar nesse sentido, que trazia consigo uma série de índices dos desregramentos da cidade grande; não nos custa terminar com outro romance que, do mesmo modo, acumula tais índices numa mesma história: menina simples do interior, quando fica orfã de pai e mãe, Mimi vai para a cidade grande e começa a trabalhar com uma modista francesa na Rua do Ouvidor; em pouco tempo, toma contato com o mundo urbano e com uma nova vida social, passando a ter amantes ricos e tornando-se uma mulher desejada por muitos homens; depois de namorar um idealista que não podia sustentar seus luxos e sua vida social intensa, acaba sozinha, deteriorada pelo álcool, pelas drogas e pela prostituição.¹⁹

Trata-se, portanto, da história de mais uma vítima dos desregramentos da cidade urbana: como Lucília, de *O Polvo*, Mimi também acabou sendo seduzida pela vida vertiginosa e mundana da cidade, resultando em sua completa perdição, já que termina abandonada pela sociedade e eivada de vícios diversos. Aqui também a cidade desempenhou um papel relevante na ruína da protagonista, revelando definitivamente sua face mais obscura: uma implacável índole libertina.

Notas

01. Cf. LEFEBVRE, H. *La revolución urbana*. Madrid: Alianza Editorial, 1983. Para as transformações urbanas sofridas por algumas cidades européias, consultar WEBER, E. *França Fin-de-Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; e SCHORSKE, C. E. *Viena Fin-de-Siècle. Política e cultura*. São Paulo: Unicamp/Companhia das Letras, 1988.

02. Para as transformações urbanas como consequência da industrialização nacional, consultar LOPES, J. R. B. L. *Desenvolvimento e mudança social*. Formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

03. Para o deslocamento populacional e explosão urbana no Brasil, cf. SANTOS, M. “Mecanismos de Crescimento Urbano nos Países em Vias de Desenvolvimento”. *América Latina*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, Ano 12, No. 04: 134-148, Out./Dez. 1969; e SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1976. Para a passagem do poder rural ao urbano, consultar MARTINS, L. *O Patriarca e o Bacharel*. São Paulo: Martins, 1953.

04. Sobre a relação entre a literatura e as transformações urbanas, em particular na Capital Federal, consultar GOMES, R. C. *Todas as cidades, a cidade*. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994; e SÜSSEKIND, F. *As Revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FCRB, 1986.

05. Cf. ATHAYDE, R. A. de. *Pereira Passos*. O reformador do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: A Noite, s.d.; e BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos: Um Hausmann tropical*.

A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

06. A relação entre os intelectuais/artistas da época e o *establishment* político foi parcialmente estudada por MICELI, S. *Poder, sexo e letras na República Velha (Estudo clínico dos Anatolianos)*. São Paulo: Perspectiva, 1977; e MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras (Sociologia da vida intelectual brasileira. 1870-1930)*. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1973.

07. NETO, C. *O Polvo*. São Paulo: Jornal do Comércio, 1924.

08. _____. *Rei Negro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 16; NETO, C. *Tormenta*. Porto: Chardron, 1920, p. 183; e NETO, Coelho. *Inverno em Flor*. Porto: Chardron, 1928, p. 59.

09. Consultar, respectivamente, MARQUES, X. *Praieiros*. Salvador: GRD, 1969; e ALMEIDA, J. L. de. *Correio da Roça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

10. FONTES, M. (1936) *Nós, as Abelhas (Reminiscências da Época de Bilac)*. São Paulo: J. Fagundes, s.d., p. 11/13.

11. RIO, J. *Correspondência de uma Estação de Cura*. São Paulo: Scipione, 1992, p. 23.

12. PEIXOTO, A. *Uma mulher como as outras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 19.

13. FONTES, M. *Fantástica*. São Paulo: J. Fagundes, s.d., p. 29.

14. Para uma visão histórica da passagem do privado para o público na sociedade da época, consultar SALDANHA, N. *O jardim e a praça. O privado e o público na vida social e histórica*. São Paulo: Edusp, 1993. Uma visão oposta, isto é, que defende a prevalência do privado sobre o público como forma de resguardo de valores doméstico pode ser encontrada em SENNETT, R. *O declínio do homem público. As Tirânicas da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

15. Para a abordagem da família no Rio de Janeiro, enfatizando sua passagem de um núcleo privado para o público, consultar ARAUJO, R. M. B. de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; e COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

16. AZEVEDO, A. *O tribofê*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 123.

17. Para um estudo histórico das relações entre o campo e a cidade, consultar WILLIAMS,

R. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; para um estudo destas relações no Brasil, cf. MENDONÇA, S. R. de. “O ruralismo brasileiro na primeira República: um debate de idéias”. *À margem*. Revista de Ciências Humanas, Rio de Janeiro, Ano I, No. 01: 25-40, Jan. 1993.

18. Para a questão da percepção urbana, consultar FERRARAD’ALÉSSIO, L. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988; e HAUSER, S. “The perception of the city”. *Espace et sociétés*. Revue Critique Internationale de l’Aménagement de l’Architecture et de l’Urbanization. France: n. 47, 1985. O modo como determinado indivíduo ou grupo de indivíduos percebe a cidade encontra guarida no estudo da psicologia social da vida urbana (cf. FISCHER, C. S. *The urban experience*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1976).

19. COSTALLAT, B. *Gurya*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [s.d.]